

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

242

INSCRIÇÕES 832-833



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2023

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



*TERMINVS AVGVSTALIS INTER ARABRIGENSES ET
COLARNOS*

No âmbito do Levantamento do Património Arqueológico e Arquitetónico do Concelho de Armamar (distrito de Viseu), projecto iniciado sob proposta da respectiva Câmara Municipal, identificou-se uma pedra epigrafada, meio enterrada, no local chamado Gadanha, povoação de Contim, freguesia de São Cosmado, junto ao antigo caminho que ligava Contim às povoações de Beira Valente e Moimenta da Beira (FIG. 1).

O contacto com a população da aldeia possibilitou saber vagamente da existência de uma «pedra com letras» num local que um dos habitantes mais conhecedores dos terrenos acabou por nos indicar aproximadamente, nos primeiros dias de Fevereiro de 2023.

Feita uma limpeza superficial – a pedra estava integrada num muro, mas enterrada (FIG. 2) –, verificou-se que tinha, de facto, uma inscrição romana. Pertence o muro ao Sr. Joaquim Soeiro e sua Esposa Maria Adília. Alertados para o que se estava a passar, os seus filhos Fausto e José Armando Soeiro, após contacto com os irmãos, autorizaram que se procedesse ao estudo do monumento. Dado o seu peso (entre 1 tonelada e tonelada e meia) e a necessidade de o retirar, a Senhora Vereadora da Ação Social, Cultura, Juventude, Património, Turismo, Ciência e Saúde, Dra. Cláudia Jesus Damião, da Câmara Municipal de Armamar, de pronto diligenciou

no sentido de que uma máquina escavadora procedesse à necessária remoção, com todos os cuidados exigidos.¹

Trata-se, como o outro monumento do mesmo género – identificado no Largo do Forno de Arícera, povoação pertencente administrativamente à União de Freguesias de Arícera e Goujoim, também do concelho de Armamar² –, de um paralelepípedo de granito amarelo, de grão médio, praticamente intacto, apenas fraturado na parte superior, rudemente afeiçãoado; ou seja, o esborcinado das arestas tanto pode ser original como resultante dos maus tratos por que foi passando ao longo dos séculos, embora nos pareça verosímil advogar a hipótese de – inclusive devido ao seu peso e forma – se não ter deslocado muito do sítio original.

Interrogamo-nos também sobre o aspecto actual da superfície acima do campo epigráfico. A primeira impressão é que o bloco foi aproveitado assim, sem parte do lado direito e sem qualquer tratamento nessa zona cimeira, tendo em conta o contraste que há com a superfície epigrafada, que foi minimamente alisada para receber o texto. Era epígrafe para figurar no meio dos campos e, por isso, não requeria especiais requintes formais, como, aliás, igualmente acontece com os outros dois *termini* da região.

Dimensões aproximadas (em cm): 140,50 x 73 x 69 (face lateral esquerda) / 53 (face lateral direita).

O que, porém, mais importa é o seu valor documental, que vem completar o que os *termini* de Goujoim³ e o, já

¹ Agradecemos à Senhora Vereadora, aos irmãos Soeiro e ao Senhor Eduardo Barros, operador da retroescavadora, a pronta disponibilidade para de imediato se proceder a essa remoção, e a todos as facilidades concedidas para a elaboração deste estudo. A pedra foi guardada na localidade, junto da habitação do proprietário.

² ENCARNAÇÃO (José d') e SANTOS (José Carlos), «Um *terminus augustalis* em Armamar», *Ficheiro Epigráfico* 233 2022 inscrição n.º 808 (p. 3-14). <http://hdl.handle.net/10316/100307>

³ VAZ, João Inês, «Término augustal de Goujoim (Armamar)», *Conimbriga* 18, 1979, p. 133-138. Mais bibliografia em HEpOL registo n.º 20366 [acessível em <http://eda-bea.es/>].

citado, de Arícera nos elucidaram: a acção aqui realizada, por ordem do imperador Cláudio, de delimitar os territórios dos povos indígenas. Temos, neste caso, os *Colarni* (ou *Coilarni*) e os *Arabrigenses*, ambos já nossos conhecidos.

Assim, confirma-se que os *Colarni* ficavam para poente e os *Arabrigenses* para leste. João Luís Vaz apontou como capital dos *Colarni* a *civitas* localizável onde é a cidade de Lamego⁴ e, mui possivelmente, teve razão. Quanto aos *Arabrigenses*, outro povo que contribuiu para a construção da ponte de Alcántara sobre o rio Tejo,⁵ Jorge de Alarcão situou-os entre os rios Torto e Távora⁶ e escreve:

«The *Colarni* lived to the west and extended at least as far as Cárquere; perhaps The River Tedo separated them from the *Arabrigenses*, who must be placed to the east» (*ibidem*, p. 144).

Fica confirmada esta suposição, na medida em que o *terminus* estava na margem de uma linha de água, designada de Ribeira de Leomil. Esta ribeira junta-se à Ribeira do Tedo (ou Tedinho) na povoação de Granja do Tedo (concelho de Tabuaço); a partir daqui, as respetivas linhas de água formam o chamado Rio Tedo. O *terminus* de Goujoim está situado em encosta, na margem esquerda do rio Tedo. A povoação de Arícera, onde foi encontrado o outro *terminus*, também está localizada na margem esquerda deste rio. Dado os três marcos se encontrarem na margem esquerda do Tedo, o rio Tedo e esta linha subsidiária (Ribeira de Leomil) separavam, de facto, os referidos povos.

Tempo é, pois, de voltarmos ao monumento donde o entusiasmo nos fez partir sem lhe dar a devida atenção epigráfica (FIGURAS 3, 4 e 5).

⁴ VAZ, João L. Inês, *Lamego na época romana, capital dos Coilarnos*, Associação para a Valorização e Defesa do Património do Vale do Douro, Lamego, Outubro/2007.

⁵ HEpOL 21 7398.

⁶ ALARCÃO, Jorge de, «On the ciuitates mentioned in the inscription on the bridge at Alcántara», *Journal of Iberian Archaeology* 0 1998, mapa da p. 155.

A leitura é a seguinte:

TI · CLAVDIO ·
CAESARE · AV[G]
GERM · PONT ·
MAX · TRIB POT
⁵ II · IM[P · II ·] PP COS
III · TERM · AVG
Face lateral esquerda: R COLAR
Face lateral direita: INTER · AR

TI(*berio*) · CLAVDIO / CAESARE · AV[G](*usto*) /
GERM(*anico*) · PONT(*ifce*) / MAX(*imo*) · TRIB(*unicia*)
· POT(*estate*) / ⁵ II (*secunda*) · / IM[P(*eratore*) · II (*bis*)]
P(*atre*) P(*atriae*) · CO(n)S(*ule*) · / III (*tertium*) · TERM(*inus*)
· AVG(*ustalis*) // [INTE]R COLAR(*nos*) // [I]NTER ·
AR(*abrigenses*)

Sendo Tibério Cláudio César Augusto Germânico, pontífice máximo, no 2º poder tribunicio, imperador por duas vezes, Pai da Pátria, cônsul pela 3ª vez – término augustal entre os Colarnos entre os Arabrigenses.

Altura das letras: l. 1: 6,5/7,5; l. 2: 7/8; l. 3: 6/8; l. 4: 5/8; l. 5: 6/8; l. 6: 5,5/7. Face lateral esquerda: 7/8. Face lateral direita: 7-9. Espaços: 1: 40; 2: 4,5/3; 3: 4/3; 4: 5/3; 5: 3,5/3; 6: 3/4; 7: 40. Em ambas as faces laterais, há 90 cm entre a linha e a base.

Caracteres actuários, gravados com goiva, sem rigor geométrico. Pontuação nem sempre visível, mas deveria ter estado presente onde era necessária. Espaços interlineares com alguma regularidade. Alinhamento à esquerda, aproveitando-se todo o espaço até mesmo à aresta da direita, onde, também devido ao desgaste, algumas letras quase desapareceram.

A leitura fez-se sem dificuldade, inclusive porque obedece ao formulário habitual. Só na l. 5, o desgaste faz suscitar dúvida a seguir ao número do poder tribunicio, ainda que, em comparação com o texto do *terminus* próximo, a leitura II seja verosímil. Interrogamo-nos sobre onde teria

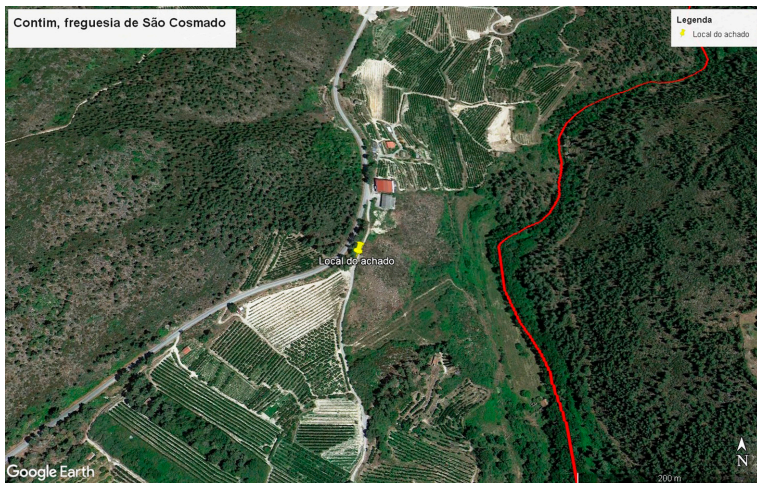
sido escrita – se o foi por inteiro – a palavra INTER da face lateral esquerda; poderá ter desaparecido com a fractura; de uma linha superior não há rasto e também na face posterior não há (FIG. 6).

É, por conseguinte, um marco do ano 43. Mais uma prova de que houve da parte dos oficiais mandados pelo poder central o cuidado em bem delimitarem os territórios dos povos indígenas. Até ao momento, é o testemunho mais acabado dessa intenção, atendendo à quantidade de *termini augustales* achados com a mesma finalidade, sinal de que importava, na realidade, delimitar bem os territórios destes dois povos, para evitar contendas, nomeadamente, supomos nós, no âmbito da repartição das águas.

JOSÉ CARLOS SANTOS

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO⁷

⁷ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.





3

832



4

832



5

832



6

832